

TEOLOGIA E ESTUDO DAS ESCRITURAS

*Irineu J. Rabuske**

Resumo

A revalorização da Sagrada Escritura, no âmbito da Igreja católica, enseja uma reflexão sobre a relação entre a Teologia e o estudo das Sagradas Escrituras. Ponto de partida para esta reflexão é o n. 24 do Documento *Dei Verbum*, do Concílio Ecumênico Vaticano II: "...o estudo das Sagradas Escrituras seja como que a alma da Sagrada Teologia".

PALAVRAS-CHAVE: Teologia; Sagrada Escritura; Bíblia; métodos exegéticos; línguas bíblicas.

Abstract

The revalorization of the Sacred Writings in the Catholic Church permits a reflection on the relation between the Theology and the study of the Sacred Writings. Starting point for this reflection is n. 24 of the Document Dei Verbum of Second Ecumenical Vatican Council: "... the study of the Sacred Writings is as the soul of the Sacred Theology".

KEY WORDS: *Theology; Sacred Writings; exegetical methods; Biblical languages.*

Nas últimas duas décadas, ocorreu uma mudança significativa na pastoral da Igreja Católica, no tocante à pregação. De uma pregação marcadamente temática e catequética, passou-se gradativamente a uma pregação a partir do texto bíblico. Vários fatores contribuíram para isso e em si é muito bom que tenha ocorrido essa mudança. Hoje todos se sentem no direito e na obrigação de interpretar o texto bíblico, seja na

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

homilia dominical, seja num programa radiofônico ou televisivo, seja na catequese, etc. Essa mudança é louvável e impõe uma reflexão.¹

A revalorização pastoral do texto bíblico faz eco ao n. 24 do documento *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II, onde se afirma a íntima relação entre o estudo da Sagrada Escritura e a Teologia.

1 O estudo das Sagradas Páginas – Alma da Sagrada Teologia

O princípio que aqui se pretende recordar consta numa das mais felizes páginas do Concílio Vaticano II. Mais exatamente, o texto encontra-se no Documento *Dei Verbum*, n. 24, onde, depois de dizer que a teologia se apóia na Palavra de Deus e na Tradição, continua dizendo: “*Ideoque Sacrae Paginae studium sit veluti anima Theologiae*” (“por isto, o estudo das Sagradas Escrituras seja como que a alma da Sagrada Teologia”). A frase, em sua formulação, não é uma novidade absoluta. Desde Leão XIII,² passando por Bento XV,³ a afirmação já pode ser encontrada.⁴ Mas desde a sua primeira aparição até à formulação conciliar, houve um verdadeiro progresso quanto ao conteúdo que a frase quer expressar.⁵

O texto conciliar está falando da importância da Sagrada Escritura e da Tradição para o labor teológico. Percebe-se que está em jogo uma virada no método teológico. Pretende-se que a teologia torne a alimentar-se continuamente na Tradição e na Escritura, deixando de ser uma sucessão sem fim de teses já demonstradas. Para tanto, o Concílio afirma, na primeira parte da frase, que “... as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus e, porque inspiradas, são verdadeiramente palavra de Deus”. Esta primeira parte da frase coloca a condição e o fundamento para a afirmação que segue, de que o estudo das Sagradas Escrituras deve ser como que a alma da Teologia. O Concílio está

¹ O “lugar vivencial” em que surgiu a reflexão que segue é a sala de aula. Procuo manter no texto esse caráter didático.

² LEÃO XII, Encíclica *Providentissimus*, cf. *Enchiridion Biblicum*, n. 114. “Enchiridion Biblicum”, abreviado como “EB”, refere-se à última edição “standart” de documentos da Igreja sobre as Escrituras: *Enchiridion Biblicum: Documenti della Chiesa sulla Sacra Scrittura*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1994 (segunda edição bilingüe, em latin e italiano). Os números referem-se aos parágrafos, não às páginas do EB.

³ BENTO XV, Encíclica *Spiritus Paraclitus*, cf. *Enchiridion Biblicum*, n. 483.

⁴ Cf. *Enchiridion Biblicum*, n. 109.

⁵ Cf. PASTOR, Federico. *Escritura y Teología*. In: ALONSO SCHÖKEL, Luís (Org.). *Comentários a la Constitución Dei Verbum*. Madrid: BAC, 1969, p. 724-741.

recuperando a dignidade da Escritura como Palavra de Deus. Portanto, a partir de agora, não basta saber apenas alguns versículos bíblicos que funcionam como mais um argumento de prova de uma tese teológica, entre tantos outros.

A *Dei Verbum* (DV), portanto, propõe que o estudo da teologia, a partir de agora, seja animado, seja dinamizado, não mediante “provas da Escritura”, mas mediante uma contínua dedicação ao estudo da Bíblia. Os estudos bíblicos vivificam a teologia. Quanto mais alguém se dedicar ao estudo da Bíblia, mais criativo poderá tornar-se em sua criatividade teológica. Este estudo da Bíblia será como que a alma de sua teologia. Não se trata de uma redução da teologia ao estudo da Bíblia, não se trata de nenhum biblicismo.

2 Línguas bíblicas

Em muitos lugares, no ambiente católico, tem-se, de alguma forma, negligenciado, ou ao menos, dado pouca importância ao estudo das línguas bíblicas, o que pode ter-se constituído em mais um fator para o distanciamento entre teologia e Sagrada Escritura. Isso não significa que cada estudante de teologia e cada teólogo profissional devam ser também exegetas exímios. Se o forem, melhor. Trata-se de um conhecimento básico, um mínimo de alfabetização nas línguas hebraica e grega. Com isso, a leitura de dicionários e comentários especializados se torna bem mais proveitosa. Assim estaria acontecendo um pouco mais o que o Concílio propõe na DV n. 24.

Percebe-se, não poucas vezes, certa animosidade em relação ao estudo das línguas bíblicas. Continua-se a pensar que é possível estudar as Sagradas Escrituras sem o concurso de um conhecimento ao menos básico do hebraico e do grego. Além do mais, como estas línguas são apenas ensinadas no programa da faculdade de teologia, o estudante pode ser levado a pensar que isso não é mais hora de aprender um novo alfabeto, nem de aprender a soletrar palavras, aprender a morfologia dos substantivos, adjetivos, etc., bem como de aprender a conjugar humildemente o verbo ser. Esse sentimento é compreensível, contudo, é preciso aprender a lidar com ele. Depois de o estudante ter-se compenetrado nos mais profundos problemas filosóficos, repentinamente é confrontado com problemas tão “prosaicos”.

São questões apenas aparentemente prosaicas. Pensemos em São Jerônimo (342? a 420 d.C.)! Jovem de formação clássica, por ordem do

Papa Dâmaso I, dedica-se então ao estudo das Sagradas Escrituras, com a finalidade de traduzir toda a Bíblia para o latim,⁶ Ele, naquela etapa de sua vida não teve alternativa, apesar de toda a sua formação clássica: viu-se obrigado a aprender o hebraico. Diz a tradição que, não tendo outro meio de pesquisa, ia consultar os beduínos sobre a origem e o significado de certas palavras e que teria limado um dente por conta própria, para acertar a pronúncia correta de determinada sílaba hebraica. O grande sábio não se julgou demasiado importante para encetar tal empresa. E o resultado foi a *Vulgata*, ou seja, a tradução de toda a Bíblia na linguagem do povo. Outra opção significativa de Jerônimo.

O estudo das línguas tem também a função de disciplinar nossa mente. Antigamente afirmava-se que o latim tinha essa função. Atualmente, a experiência mostra que o aluno, ao iniciar o estudo de hebraico e grego, vê-se diante da urgência de disciplinar sua atividade intelectual. No método que atualmente mais é seguido,⁷ essa disciplina inclusive é quantificada pragmaticamente. O estudante faz semanalmente o balanço de suas atividades, somando os progressos e fracassos. Em termos simples: aprende a computar quantos vocábulos aprendeu, e exatamente quantos não conseguiu aprender. O que não deixa de proporcionar um grande grau de objetividade a esse estudo. Nada resolve afirmar que se estudou grego, durante determinado tempo, sem conseguir dizer o quê exatamente se estudou dessa língua.

Portanto, o estudo das línguas bíblicas é de extrema importância para o estudante de teologia, que pode assim ler com mais proveito obras de certa especialização, não ficando refém das obras de divul-

⁶ Jerônimo traduziu todo o AT do hebraico para o latim. Quanto ao NT, revisou e aproveitou o que já existia, esparsamente, numa tradução latina anterior, ou seja, a *Vetus Latina, ou Itala*. No ano de 374, Jerônimo transferiu-se para Belém, na Palestina, para iniciar e levar a cabo seu empreendimento. Lá também terminou os seus dias.

⁷ Refiro-me aos seguintes manuais, que felizmente e em boa hora foram traduzidos para o português: LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. [Tradução: Walter Eduardo Lisboa] São Paulo: Paulus, 2003; SWETNAM, James. *Gramática do Grego do Novo Testamento*. [Tradução: Henrique Muracho, Juvino A. Maria Jr. e Paulo Basaglia]. São Paulo: Paulus, 2002, v. 1: Lições; v. 2: Chaves e Paradigmas. Como material de apoio, vale a pena citar também os seguintes dicionários: KIRST, Nelson et alii. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo e Petrópolis: Editora Sinodal e Editora Vozes, 1988; RUSCONI, Carlo, *Dicionário Grego do Novo Testamento*. [Tradução: Irineu Rabuske]. São Paulo: Paulus, 2003.

gação. Será capaz de consultar um dicionário bíblico, um comentário, etc. Para o teólogo profissional, é mais do que evidente a necessidade do conhecimento das línguas bíblicas, ao menos em nível de propiciar a consulta a obras especializadas e comentários bíblicos internacionais, nos quais o conhecimento dessas línguas é pressuposto.

3 Leituras introdutórias

Além ou concomitantemente à iniciação às línguas, o estudo das Sagradas Escrituras deve iniciar também por uma leitura diuturna de obras de introdução à Bíblia, obras sobre o ambiente do AT e do NT, enfim, é de extrema utilidade familiarizar-se com toda a literatura que gira em torno da Bíblia e da realidade dos tempos bíblicos. Trata-se de adquirir certa cultura bíblica geral. Esse é um empreendimento que não deve adquirir contornos de imediatismo. Nunca se sabe quando determinada informação poderá ser útil. Na disciplina de Introdução à Bíblia ocorre o mesmo: ela trabalha exatamente a partir dessa literatura geral. Não basta ter absolvido a disciplina. É necessário continuar sempre ocupado com essa literatura.

A literatura introdutória permite-nos estudar todos os aspectos que compõem o contexto em que as Escrituras surgiram. Aí está a sua importância. Hoje não se admite mais uma leitura descontextualizada do texto bíblico. Ora, a leitura contextualizada somente poderá ser feita por quem tenha uma ampla cultura bíblica geral. Caso contrário, a pessoa se torna refém do livro ou do autor que naquele exato momento tem diante de si, sem a capacidade mínima para poder avaliar o que está lendo.

4 O horizonte ou contexto

Desde Schleiermacher, em hermenêutica, fala-se de horizonte, ou contexto.⁸ Ou melhor, trata-se, não apenas de um, mas de vários contextos. O horizonte do intérprete deve abarcar os vários horizontes.

4.1 *O contexto do texto*

Em primeiro lugar, deve-se considerar o contexto do próprio texto. Nenhum texto cai do céu, nem mesmo o texto bíblico. Embora seja

⁸ Cf. CORETH, E. *Cuestiones fundamentales de hermenéutica*. Barcelona: Herder, 1972, especialmente o capítulo IV: El horizonte de la Intelección, p. 95-106.

inspirado, tenha valor absolutamente especial para quem crê, surge, mesmo assim, num determinado ambiente social, político, econômico, cultural e religioso. Assim entendido, pode-se admitir que também, no caso das Sagradas Escrituras, estamos diante de um texto que se não de todo, ao menos em grande parte é um produto social. A literatura introdutória, em grande parte, ajuda a tomarmos consciência desse contexto. Ela nos proporciona a oportunidade de entrarmos em contato, tanto quanto isso é possível, com as realidades concretas dos tempos bíblicos.

Compreende-se, assim, inclusive a importância de certas obras que aparentemente não passariam de curiosidade. É caso de um artigo sobre a técnica agrícola no plantio de trigo nos tempos bíblicos.⁹ Essa pesquisa, que o autor apresenta nesse breve artigo, constitui-se numa chave para a compreensão da parábola do semeador (*Mc* 4,3-9 par.), que até então mais parecia um enigma do que uma parábola, levando as pessoas a lerem com mais interesse, não a parábola propriamente dita, mas a alegoria dos terrenos que segue (*Mc* 4,13-20).

Este foi apenas um exemplo bem individualizado. Na verdade, existe atualmente uma literatura muito ampla sobre todos os aspectos da realidade dos tempos bíblicos. Isso nos permite ter um conhecimento bastante seguro dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais das diversas épocas da história bíblica. O seja, é possível identificar o chão em que o texto bíblico brotou.

4.2 *O contexto do leitor*

Toda essa atenção em relação ao contexto bíblico, contudo, não basta por si só. No mínimo torna-se necessário considerar ainda o contexto de quem está lendo a Bíblia. É o contexto do leitor, de quem atualmente está interrogando o texto bíblico e seu contexto. Assim como é fundamental o conhecimento do contexto bíblico, é também indispensável que o leitor tenha consciência do contexto atual, também em suas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais.

Não se trata, contudo, de simplesmente armazenar informações sobre a atualidade. A informação precisa ser trabalhada com um adequado instrumental de análise. Sem isso, corre-se o perigo de

⁹ PAYNE, P. B. The Order of Sowing and Ploughing in the Parable of the Sower. In: *New Testament studies*, 1978-79, v. 25, p. 123-129.

proceder a uma leitura inadequada ou inclusive ingênua da realidade. Conseqüentemente, as perguntas que, a partir do contexto atual, forem dirigidas ao texto bíblico, correrão também o risco de serem irrelevantes, impertinentes ou ingênuas. Logo, torna-se necessário adquirir um mínimo de instrumentos críticos de análise da realidade atual. Desse modo, poderá ocorrer um diálogo frutífero entre o contexto do leitor ou do grupo de leitores, e o contexto bíblico. O resultado poderá ser que, examinando determinado texto, surjam ou se realcem aspectos até então completamente ignorados ou julgados sem importância alguma.

A análise de conjuntura pode tornar-nos sensíveis aos fenômenos de exclusão e marginalização, bem como de dominação e opressão. O texto não é univocamente parcial ou imparcial, sendo por isso importante que, a partir da compreensão do contexto atual, se possam dirigir perguntas adequadas ao texto. Tais perguntas poderão colaborar na identificação de aspectos que, numa leitura superficial, poderiam permanecer inexpressivos, ou mesmo poderiam inclusive passar despercebidos. E é extremamente importante que, na leitura, possa emergir também a voz dos subjugados pelo sistema sociopolítico da época. Para isso, é decisiva a consciência que o intérprete tem do seu lugar social, ou do lugar social, a partir do qual aborda o texto. Quanto à produção literária, a rigor só existem dois contextos possíveis para o surgimento de um texto: o das classes dominantes e o das classes subalternas. Há textos bíblicos que têm seu lugar vivencial nas classes menos privilegiadas, até mesmo marginalizadas e excluídas. Há outros, cuja origem está nas classes dirigentes. Há textos, ainda, que, no processo de transmissão, sofreram influência de um e de outro ambiente. Assim sendo, toda a atenção é necessária, para que se possa descobrir com mais rigor possível, qual a origem social do texto. É possível inclusive identificar características da literatura produzida em cada um desses contextos.¹⁰ Também no texto bíblico é possível identificar essas diferentes características.

¹⁰ Cf. MALINA, Bruce J. *The social world of Jesus and the Gospels*, p. 24s. O autor denomina os dois contextos de *low-context* e *high-context*. Textos produzidos no *low-context* caracterizam-se pela riqueza de detalhes, não deixando praticamente nenhum espaço para a fantasia do leitor. Textos produzidos no *high-context*, pelo contrário, primam pela dramaticidade, deixando amplas possibilidades para a fantasia do leitor.

5 Os Métodos

5.1 Sua “excelência”, o texto

O texto é decisivo. A assim chamada “Nova Hermenêutica” consagrou a prioridade do texto. Portanto, toda boa análise exegética deverá iniciar pela identificação, delimitação, análise gramatical e lingüística do texto em questão. Escusado é dizer que o ideal seria conseguir ler e analisar o texto em sua versão “original”, ou seja, o texto hebraico para o AT (com as breves inserções aramaicas) e o texto grego para o NT. Em outras palavras, de pouco serve uma ampla descrição de determinado contexto histórico (com suas dimensões sociais, políticas, econômicas e religioso-culturais), sem que, em primeiro lugar, se tenha analisado atenta e minuciosamente o texto em questão.

Ponto de partida, portanto, para um “estudo bíblico”, consiste em apropriar-se verdadeiramente do texto: perceber o que aí está escrito. Igualmente importante é dar-se conta do que não está escrito. Principalmente quando estamos diante de textos muito utilizados ao longo da história do Cristianismo, corremos o risco de supor que já sabemos de antemão o que o texto diz. Justamente nesses casos impõe-se a tarefa de proceder cuidadosamente e sem pressa, para garantir a leitura exata do texto e somente do texto.

5.2 Métodos histórico-críticos

Com isso já estamos *in medias res*. Para tratar do texto enquanto tal, dispomos dos consagrados métodos assim chamados “histórico-críticos”, que aos poucos foram se definindo e consagrando, nos últimos duzentos anos de pesquisa bíblica. Aqui não há espaço e nem seria o caso de proceder a uma exposição sistemática dos métodos exegéticos. Atualmente, o estudante e toda pessoa interessada tem já à sua disposição um mínimo de literatura básica para familiarizar-se com os procedimentos exegéticos. Cabe aqui, inclusive, recomendar que se tenha à mão ao menos algum manual de metodologia exegética.¹¹

¹¹ Para uma apresentação dos métodos exegéticos, tanto do AT quanto do NT, SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2003, 2. ed. (Coleção Bíblia e História); o mesmo autor está lançando uma apresentação mais simplificada da metodologia bíblica em: *Leia a Bíblia como Literatura*, na coleção “Ferramentas Bíblicas” da Editora Loyola. Especificamente para a metodologia do NT veja-se WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 1998; EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994 (Coleção Bíblica Loyola, 12).

Costuma-se subdividir os métodos exegéticos em sincrônicos e diacrônicos. Os sincrônicos tratam do texto e o analisam em sua forma atual, assim como se encontra no texto canônico. É a fase em que o estudioso se apropria do texto propriamente dito, que vai desde a delimitação do trecho ou perícope em questão, passando por análise sintática, semiótica, até à análise estilística e literária.

Outra parte do estudo bíblico é constituído pelos assim chamados métodos diacrônicos. Inicia-se pela crítica literária, que vai constatar possíveis incongruências no texto, tais como repetições, lacunas, etc. Isso revela que o texto passou por um processo evolutivo, que convém identificar, tanto quanto possível. Para isso, é preciso dominar os gêneros literários e as formas literárias, saber identificar o lugar vivencial (*Sitz im Leben*) de cada um desses gêneros e dessas formas. Com isso, torna-se possível a análise tradicional e redacional, isto é, a distinção entre as camadas antigas do texto e as eventuais intervenções dos redatores responsáveis pelo texto que atualmente lemos no cânon da Bíblia.

5.3 *Novas leituras*

Acabamos de falar dos procedimentos tradicionais. Em cada época e em diferentes áreas culturais, esses métodos podem e devem ser enriquecidos com novas abordagens do texto. Essas novas abordagens não podem nem devem substituir os consagrados métodos exegéticos. Sua função é complementar.

É caso da leitura sociopolítica, por algum tempo indevidamente denominada “sociológica”. Muito praticada na América Latina, trouxe consideráveis enriquecimentos para a leitura bíblica. Houve autores que afirmavam que os métodos histórico-críticos estavam completamente superados. Por “histórico-críticos”, no mais das vezes, entendiam-se apenas os procedimentos diacrônicos, acima citados. Atualmente, essa questão parece de fato estar superada, havendo novamente um reconhecimento geral do valor dos métodos tradicionais.¹²

As leituras, a partir de determinada “óptica”, devem perpassar os diversos passos de análise do texto e não constituir um procedimento à parte, ou isolado. Desse modo haverá uma integração dos novos

¹² Cf. CROATTO, J. Severino. *Hermenéutica Bíblica; Para una teoría de la lectura como producción de sentido*. Buenos Aires: La Aurora, 1984. Cf. a crítica à posição de Croato em RABUSKE, Irineu José. A hermenêutica de J. S. Croatto. In: *Teocomunicação*, n. 117, p. 293-308, 1997.

interesses de leitura, surgidos a partir do contexto atual do leitor ou de determinado grupo de leitores. É o caso da leitura, a partir da situação de grupos oprimidos ou emergentes, bem como da leitura de gênero. Com isso, a leitura do texto bíblico é situada em determinado contexto e o texto bíblico é indagado pelas perguntas que surgem desse mesmo contexto. Em outras palavras, com isso, a leitura encontra o seu lugar, a partir do qual será feita, com a aplicação dos mais variados procedimentos metodológicos.

Conclusão

O estudo da Sagrada Escritura tornar-se-á como que a alma da Teologia no momento em que a ocupação com o texto bíblico se tornar uma constante. A atividade diuturna em torno do texto bíblico poderá então animar o estudo da teologia. Para isso, torna-se necessária a aquisição de um mínimo de instrumental técnico, iniciando pelo conhecimento (maior ou menor) das línguas bíblicas e dos métodos exe-géticos.

Além disso, requer-se uma familiarização com o texto bíblico. Essa se adquire à medida que se lê, lê, torna a ler e lê outra vez o texto. A Bíblia não é mais vista como um repertório de provas para determinados argumentos teológicos. O seu estudo e nossa familiaridade com ela devem dar vida à teologia que fazemos.